

DA NARRATIVA TRADICIONAL À MORTE DA HISTÓRIA DA ARTE: MUDANÇAS TEÓRICAS EM ARTE NO SÉCULO XX

DIANA SILVEIRA DE ALMEIDA¹; LARISSA PATRON CHAVES²

¹Universidade Federal de Pelotas – dianasilveira_13@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – larissapatron@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O século XX foi um momento histórico marcado por mudanças constantes e rápidas. Hospedou duas guerras mundiais, movimentos sociais, regimes governamentais diversos, dentre outras mudanças comportamentais e intelectuais. Com a arte não poderia ser diferente. Tanto nas implicações práticas, quanto as teóricas da área acompanharam essas variações sociais. Entendo que o acompanhamento dessas mudanças é articulado e registrado pela historiografia, esta pesquisa faz parte da dissertação em andamento denominada “História das imagens: a teoria e historiografia da arte no século XX”, ligada ao Programa de Pós Graduação em História, pela Universidade Federal de Pelotas.

Até o ano de 1874 – data que marca a fundação do Impressionismo, movimento da arte considerado a primeira vanguarda – para que um objeto recebesse o título de arte, este precisava ter como característica uma composição que representasse com excelência, o mundo de uma maneira realista. Na modernidade artística, e seguidamente na contemporaneidade, ocorrem mudanças tanto pictóricas como conceituais na construção e concepção das obras de arte que irão modificar esta perspectiva (CANTON, 2009).

Tais transformações exigiram uma reflexão por parte das narrativas que fundamentavam as produções até então, que foram deixando de corresponder às novas perspectivas da prática artística. Em meio a este contexto, estudiosos da segunda metade do século XX começam a pensar em um fim da história da arte, seriam eles Hervé Fisher, Arthur Danto e Hans Belting. Porém, poderia tal disciplina ser inexistente de fato?

Em geral os autores não dizem que a prática de escrever sobre a arte acabou, o que chega ao seu fim é a história com a ambição de mostrar uma evolução perfeccionista da arte (FISHER, 1981) ou a visão de unidade, isto é, o entendimento de toda a arte estar inserida uma linha única, ser definida e contada como tal (BELTING, 2006). Logo, a maneira de fazer história da arte do modo tradicional chegou fim. Porém, quais são os fatores que caracterizavam este modo tradicional de escrita de história da arte? Este trabalho se dedica a uma reflexão sobre o que seria exatamente uma escrita tradicional de história da arte e por quais motivos estes métodos se tornaram ineficientes, segundo os autores supracitados.

2. METODOLOGIA

Em se tratando de uma revisão historiográfica, as fontes a serem analisadas se tratam de produções bibliográficas referentes à história da arte no século XX. Já que são os escritos referentes à morte da história da arte que indicam a existência de uma historiografia tradicional, o ponto de partida desta pesquisa são os livros em que os autores mencionados anteriormente se referem a este fim, a saber: “*L’Histoire de l’art est terminée*” (FISCHER, 1981), “O Fim da História da

Arte” (BELTING, 2006) e “Após o fim da arte: a arte contemporânea e os limites da História” (DANTO, 2006). As indicações dos autores irão nortear o que deverá ser discutido posteriormente.

Para o entendimento do porque das considerações de cada autor, a análise das obras procura o embasamento da pesquisa através das seguintes perguntas: qual a maneira que o autor entende a sua fonte, neste caso a prática artística da qual escreve? De que modo acontece a narrativa histórica? Em que contexto histórico e artístico o autor estava inserido? O que o autor critica e quais são suas circunspeções sobre o assunto?

Após a compreensão das questões individuais de cada obra, será utilizada a metodologia de história comparada, que visa contrapor historiografias a fins de entender a evolução do pensamento. A comparação possibilitará uma melhor visualização das semelhanças e das diferenças nos modos de compreensão (DETIENNE, 2004) da arte ao longo da história. Tal análise também poderá permitir o entendimento do porque das indicações da morte da arte e de sua história apontadas anteriormente, bem como a definição das características que formulam uma historiografia tradicional da arte.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No começo do trabalho foi percebida a necessidade da fundamentação do que seria a identidade da disciplina de história da arte separada da história geral. Portanto no primeiro momento, esta pesquisa procurou a compreensão da história da história da arte, a partir da ocasião em que esta última passou a ser reconhecida como um campo de saber específico e gerador de conhecimento.

Para tanto, foram analisadas as obras “Reflexões sobre a imitação das obras gregas na pintura e na escultura” (1975) e “História da Arte da Antiguidade” (2006), de Johann Joachim Winckelmann (1717-1768). A primeira apresenta a admiração do historiador à arte grega. A segunda expõe os estudos de Winckelmann sobre a antiguidade justapostas à sua teoria de estilo e evolução na arte. Ao realizar uma história dos estilos para a arte clássica, o autor passa a ser considerado um dos responsáveis pela criação de uma cientificidade no conhecimento histórico da arte (MATTOS, 2008).

Quando o autor considera as formas e os motivos estéticos como instrumentos auto-suficientes para o entendimento da arte e de sua história, funda tanto a ideia de “estilo”, quanto a possibilidade de uma disciplina com olhares específicos ao estudo da história da arte, concomitante à história geral. Estes apontamentos de valor científico que o autor agrega à disciplina irão permitir a separação desta área do saber no século XIX, visto que o nascimento desta divisão é uma consequência da fragmentação das ciências, que acompanha a separação dos mais diversos campos de conhecimento, incluindo a estética e a cultura (FIZ, 1996).

Postulada esta fundamentação introdutória, a pesquisa agora se encontra de volta à análise das obras de Danto, Fischer e Belting. Acredita-se que será necessário discutir as historiografias que privilegiam a arte através da forma, como as teorias formalistas de Heinrich Wölfflin e de Henri Focillon já que em vias gerais é notável na historiografia que desde que a história da arte é considerada uma disciplina, até meados do século XX, a maior parte dos métodos de interpretação de imagens se preocupavam em discutir, pensar e problematizar o lado da forma. Bem como a também pode ser pertinente uma discussão acerca do método iconológico de Panofsky, que até os dias atuais é utilizado por diversas

áreas do saber no que tange à interpretação das imagens. O intuito será o de entender se tais teorias pertencem à historiografia tradicional, ao serem refletidas pelas abordagens dos três autores citados.

4. CONCLUSÕES

Como é possível perceber a pesquisa ainda se encontra em andamento. Procura o entendimento do porque da morte da história da arte em meados do século XX mencionada pelos autores Artur Danto, Hans Belting e Hervé Fischer em suas obras. Para tanto apresenta reflexões sobre a identidade do campo conceitual da disciplina acadêmica através do estudo de sua história, mais especificamente por intermédio de sua postulação e cientificidade.

Em uma segunda parte a pesquisa se voltará para os estudos dos três autores principais, em vias da compreensão do que seria uma historiografia tradicional da arte e o porquê de ela se tornar ineficiente a partir de um dado momento.

Este trabalho intenta estabelecer relações interdisciplinares entre arte e história. Tem em vista a abordagem das mudanças artísticas do século XX que irão contextualizar o pensamento teórico em arte. Tais colocações são analisadas em conjunto em vias de uma compreensão da evolução do pensamento da arte, com um ponto de vista histórico.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAZIN, G. **História da história da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BELTING, H. **O Fim da História da Arte**. Uma revisão dez anos depois. São Paulo: CosacNaif, 2006.
- BURKE, P. **História e teoria social**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2002.
- CANTON, K. **Do Moderno ao Contemporâneo**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009 [Coleção temas da Arte Contemporânea]
- DANTO, A. C. **Após o fim da arte** – A arte contemporânea e os limites da História. São Paulo: Odisseus/Edusp, 2006
- DETIENNE, M. **Comparar o incomparável**. São Paulo: Idéias & Letras, 2004.
- FISCHER, H. **L'Histoire de l'art est terminée**. Paris: Baland, 1981.
- FIZ, S. M. **La estética en la cultura moderna**. Madrid: Alianza Editorial, 1996.
- MATTOS, C. V. Winckelmann e o meio antiquário de seu tempo. **Revista de História da Arte e Arqueologia**, Campinas: Unicamp, 9ª edição, pg. 69-79, 2008. Disponível em: <http://www.unicamp.br/chaa/rhaa/downloads/Revista%209%20-%20artigo%204.pdf>. Acesso em 04/05/2014.
- RICOEUR, P. **La mémoire, l'histoire, l'oublié**. Paris: Seuil, 2000. [A memória, a história, o esquecimento. Tradução de Alain François. Campinas: Unicamp, 2007.]

WINCKELMANN, J. J. **Reflexões sobre a imitação das obras gregas na pintura e na escultura.** Porto Alegre: Movimento, UFRGS, 1975. (pgs. 37-70).

WINCKELMANN, J. J. **History of the art of Antiquity.** Los Angeles: Texts and Documents, 2006. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=mbWo3EaeGPEC&oi=fnd&pg=PR9&dq=+History+of+the+art+of+Antiquity&ots=->. Acesso em: 05/07/2014.